



## Carlo Strenger

Psicanalista

# ‘O que conta é ter uma vida mais livre e autêntica’

A existência só ganha sentido pela aceitação dos limites próprios e na gestão de crises, sem embarcar na ilusão da imortalidade

POR CLARA SOARES

**É** israelita. É psicanalista. E tem um cão chamado *Freud*. O autor de *O Medo da Insignificância* (Ed. Lua de Papel, 295 págs., €14,90) falou com a VISÃO via Skype, desde Telavive, onde mora com a mulher, psicóloga política. Na sala de estar, com paredes forradas de livros, o professor universitário disserta sobre o impacto da globalização na identidade. O pânico existencial e o sentido da vida são temas de eleição nos seus livros, artigos e palestras internacionais (incluindo a famosa TEDxJaffa, sobre a cidadania global, com mais de um milhão de visualizações). Aos 55 anos, Carlo Strenger define-se como um epicurista que não acredita em Deus. E tem fé na capacidade do *Homo Globalis* para cooperar e reduzir abismos forçados por visões do mundo fechadas, que diz não passar de «uma estratégia de defesa contra a consciência da morte».



**‘Na cultura tecnológica, perdemos as referências que davam valor às nossas vidas e substituímo-las pela fama’**

**‘Homo Globalis’** Filho de judeus ultraortodoxos, o investigador define-se como secularista liberal e estuda o impacto da globalização nos planos individual e coletivo

**> Começo por citá-lo: ‘Não existem garantias de que a nossa vida corra bem’. Porque tememos a insignificância?**

Os avanços tecnológicos levaram-nos a cultivar, erradamente, a noção de que temos controlo pleno das nossas vidas e do que acontece à nossa volta, mas continuamos a ser quase tão frágeis como éramos na Grécia Antiga.

**> Isso quer dizer que a psicologia positiva tem os dias contados?**

Não estou a questionar esse campo do saber, bem fundamentado cientificamente. Refiro-me à psicologia pop, que cria falsas esperanças com ideias simplistas e omnipotentes. Por exemplo, se acreditar em si, será rico, famoso e belo. Se tal não sucede, fica-se a pensar: «Algo profundamente errado está a passar-se comigo.»

**> Alcançar o sucesso global é hoje um imperativo. Se não se for famoso, é-se um zé-ninguém?**

Isso acontece porque estamos numa cultura de informação-entretenimento, assente na tecnologia. Esta democratizou o conhecimento – basta pensar no Google – mas trouxe algum caos. Ficámos sem as referências que davam, até então, um valor às nossas vidas e substituímo-las pela fama: na música, no empreendedorismo, no futebol.

**> Confundimos o ter uma carreira com o ter uma vida com sentido?**

A questão é que precisamos de ter mais consciência da nossa mortalidade. Essa evidência torna-se clara quando atingimos a maturidade, mas pode acontecer antes. É o caso do jovem bem-sucedido, que tem o curso, o emprego de sonho, a casa e o carro, mas falta-lhe significado.

**> A sua carreira, por exemplo. Que significa para si e em que medida tem a ver consigo?**

Encaro-a como uma espécie de chamamento. Sinto-me um sortudo por fazer algo que me apaixona. Uma das experiências mais marcantes da minha vida foi ter crescido numa família judia ultraortodoxa. Na adolescência, comecei a ter sérias dúvidas acer-

ca do judaísmo e da religião em geral. Tornei-me num secularista liberal, o que não foi nada fácil de aceitar para os meus pais. Chegaram a não querer relacionar-se comigo. O que mudou a minha vida de forma profunda, porque prezo muito a liberdade individual e de pensamento, bem como o uso crítico da razão. Tornou-se um tema central da minha vida pessoal e converti isso numa profissão.

**> Como define o significado existencial do *Homo Globalis*, ou cidadão do século XXI?**

O que conta é que a pessoa consiga ter uma vida mais livre e autêntica. Há quem pense que a liberdade é ter tudo o que se quer. Para mim, é sobre o que é a essência humana, que implica escolhas difíceis. Por exemplo, a ideia de liberdade para conduzir uma certa forma de vida traduziu-se na escolha, minha e da minha mulher, de não sermos pais.

**> Defende que só podemos ser livres quando aceitamos os nossos limites. Porquê?**

Refiro-me ao aceitar ativamente o que não somos, à tomada de consciência dos nossos limites, em vez de nos agarrarmos à ideia de que temos um potencial ilimitado, a lógica

**'As visões do mundo fechadas são uma estratégia de defesa contra a consciência da morte'**

do *Just do it*. Erradamente, pensa-se que o dinheiro, a fama e o poder trazem significado à existência, sem questionar se essa vida é, realmente, a nossa.

**> Como se faz esta mudança de paradigma, a nível coletivo?**

É preciso algum treino para entender que a meta de um cidadão do mundo não é ser conhecido por todos, mas contribuir para um projeto que envolva a humanidade como um todo. Somos um sistema complexo e especializado, que pressupõe, para evoluir, cooperação e interdependência, para que todas as partes ganhem.

**> Defende que o desdém civilizado é preferível ao politicamente correto. Porquê?**

Quando estava num programa de entrevistas

sobre política, na estação de rádio mais ultraortodoxa de Israel, houve um debate em que usei essa expressão. Quando o tema é, por exemplo, a pena de morte ou os direitos dos homossexuais, faz para mim mais sentido discordar civilizadamente de alguém que respeito como ser humano, mas sem ter de fingir que não me incomodam as suas ideias, que vão contra os meus valores e consciência.

**> Como ex-membro do Painel de Monitorização do Terrorismo, na Federação Mundial de Cientistas (WFS), está otimista quanto ao fim do conflito israelo-palestiniano?**

Segundo a teoria dos jogos, trata-se de um jogo de soma zero: ambas as partes perdem. Estamos a assistir à batalha pela cultura dominante e não posso prever como vai acabar este confronto civilizacional. A Primavera Árabe converteu-se num caos e a luta entre sunitas e xiitas é dramática. Podiam ter ganhos mútuos – princípio não zero, um conceito do meu colega Robert Wright – mas ficam reféns de sistemas de crenças irracionais. Para os cidadãos, é uma história de horror. ▣



PORTUGAL  
PRÓSPERO

UMA INICIATIVA

Expresso

Deutsche Bank



Durante três meses, o Expresso, o Deutsche Bank e a Universidade Católica trabalharam para um futuro melhor

**NÃO PERCA ESTA SEMANA NO EXPRESSO:**

AS PRINCIPAIS CONCLUSÕES DO ESTUDO SOBRE O EMPREENDEDORISMO EM PORTUGAL A ANÁLISE DE PEDRO FERRAZ DA COSTA